



ENCHEIRÍDION DE EPICTETO: TRANSMISSÃO E RECEPÇÃO DA ANTIGUIDADE AOS NOSSOS DIAS

Aldo Dinucci*

Universidade Federal do Sergipe – UFS

aldodinucci@yahoo.com.br

RESUMO: Como veremos nas páginas seguintes, o *Encheirídion de Epicteto* desperta interesse desde a Antiguidade. Durante a Idade Média Europeia foi olvidado, enquanto o mesmo não se deu entre os cristãos bizantinos, que chegaram a lhe dedicar três paráfrases. Com o fim de Bizâncio, chegou à Europa através da Renascença Italiana, sendo difundido pelos católicos. Posteriormente traduzido por simpatizantes da Reforma, que viam nele um apoio contra a ortodoxia romana cristã, acabou sendo duramente atacado pelos agostinianos, crítica cujos ecos foram propalados por Pascal. Em sua versão de popularização do *Encheirídion de Epicteto*, Leopardi defende a filosofia epictetiana dos ataques de Pascal.

PALAVRAS-CHAVE: Epicteto – Estoicismo – Helenismo – Pascal – Leopardi.

ABSTRACT: As we'll see in the following pages, *Epictetus' Encheiridion* excites interest since Antiquity. During European Middle Ages it was forgotten, while the same didn't happen among Byzantine Christians, who dedicated to it three paraphrases. With the end of Byzantium, it arrived at Europe via Italian Renaissance, being diffused by the Catholics. Subsequently translated by Reformation's adherents, who saw in it a support against Roman Christian Orthodoxy, it ended severely criticized by the Augustinians, critics whose echoes were disseminated by Pascal. In his version of popularization of the *Encheiridion of Epictetus*, Leopardi defends Epictetian philosophy from the attacks of Pascal.

KEYWORDS: Epictetus – Stoicism – Hellenism – Pascal – Leopardi.

Nas páginas seguintes trataremos da transmissão e da recepção do *Encheirídion de Epicteto* da Antiguidade aos nossos dias. O opúsculo estoico foi composto por Lúcio Flávio Arriano Xenofonte, comumente conhecido simplesmente como Arriano. Cidadão romano de origem grega, natural de Nicomédia, na Bitínia, viveu entre 86 d.C. e 160 d.C. e publicou inúmeras obras que nos chegaram, incluindo

* Doutor em Filosofia Clássica pela PUC-RJ. Atualmente é professor associado nível 01 na Universidade Federal do Sergipe. Coordenador do grupo de pesquisa em filosofia clássica Viva Vox. Membro permanente do Programa de Mestrado em Filosofia da Universidade Federal do Sergipe.

tratados de história, de caça, de assuntos militares e um périplo.¹ Foi aluno de Epicteto,² e compilou as aulas de seu professor em oito livros (**As Diatribes de Epicteto**), dos quais quatro nos chegaram, e, como dissemos, redigiu o *Encheirídion de Epicteto*. Apesar disso, a autoria destas obras é tradicionalmente atribuída a Epicteto, pois o conteúdo delas é visto desde a Antiguidade como representando fielmente o pensamento epictetiano.

DA ANTIGUIDADE AOS BIZANTINOS

O neoplatônico Simplício,³ no próêmio de seu **Comentário ao Encheirídion de Epicteto**,⁴ faz referência a uma carta, que não nos chegou, escrita por Arriano a um tal Messaleno, na qual o aluno de Epicteto esclarece a razão de ter escrito o opúsculo do qual ora nos ocupamos: reunir de modo sintético os princípios da filosofia de Epicteto para cativar as almas dos leitores. Simplício observa que tais princípios podem ser encontrados nas *Diatribes*, embora, como nota Boter,⁵ citações literais das **Diatribes de Epicteto** no *Encheirídion* sejam raras, quicá porque apenas metade dos oito livros das *Diatribes* nos tenham chegado.

O termo grego *encheirídion* se diz do que está à mão, sendo equivalente ao termo latino *manualis*, “manual” em nossa língua. Significa também “punhal” ou “adaga”, equivalente ao latino *pugio*, arma portátil usada pelos soldados romanos atada à cintura. Simplício, em seu **Comentário ao Encheirídion de Epicteto**, diz-nos que Arriano “[...] sintetizou as coisas mais importantes e necessárias em filosofia a partir das palavras de Epicteto para que estivessem à vista e à mão”.⁶ Assim, o *Encheirídion* serve não como uma introdução aos que ignoram a filosofia estoica, mas antes àqueles já familiarizados com os princípios do Estoicismo, para que tenham uma síntese que possam sempre levar consigo e utilizar. Tal uso se relaciona à tradição estoica da

¹ Para a lista completa e análise das obras de Flávio Arriano, cf. STADTER, P. **Arrian of Nicomedia**. Virginia: UNC Press, 1980.

² Filósofo grego estoico que viveu entre 50 d.C. e 138 d.C.

³ Simplício da Cilícia, filósofo neoplatônico bizantino, viveu entre 490 e 560.

⁴ SIMPLÍCIO. **Commentaire sur le Manuel d'Épictète**: Introduction et édition critique du texte grec. Leiden: Brill, 1996. 192-193.

⁵ BOTER, G. **Epictetus Encheiridion**. Berlim: De Gruyter, 2007, p.XIV.

⁶ SIMPLÍCIO, 1996, op. cit., p. 192.

meditação diária, para o que o *Encheirídion* serviria de guia e inspiração. Epicteto discorre sobre esse tema nas *Diatribes* em diversas ocasiões.⁷

Simplício⁸ ressalta ainda que, no *Encheirídion*, Epicteto parte da tese sustentada por Sócrates no **Primeiro Alcibíades**,⁹ segundo a qual o genuíno ser humano é uma alma racional que usa o corpo como um instrumento. Simplício assim formaliza tal argumento de Sócrates no **Primeiro Alcibíades**: (i) o homem usa suas mãos para trabalhar; (ii) quem usa algo se distingue daquilo que usa como instrumento; (iii) ora, é necessário que o homem seja ou o corpo, ou a alma, ou combinação de ambos; (iii) mas se a alma governa o corpo e não o contrário, o homem não é o corpo e nem, pela mesma razão, é a combinação de ambos; (iv) disso decorre que o corpo não se move por si mesmo e é um cadáver, pois é a alma que o move; (v) conseqüentemente, o corpo tem status de instrumento em relação à alma.

Simplício não é um intelectual isolado no período de transição entre a era pagã e a cristã no que se refere ao seu interesse pelo pensamento de Epicteto e, particularmente, pelo **Encheirídion de Epicteto**. De fato, Epicteto foi, durante esse período, estudado tanto por intelectuais cristãos quanto por filósofos e historiadores gentios. Herodes Ático,¹⁰ Aulo Gélíio,¹¹ Marco Aurélio Antonino,¹² o cínico Luciano,¹³ Orígenes,¹⁴ Aéliio Espartano,¹⁵ e ainda Temístio,¹⁶ Macróbio,¹⁷ Agostinho,¹⁸

⁷ EPICTETO. *The Discourses of Epictetus as reported by Arrian; Fragments; Encheiridion*. Trad. Oldfather. Harvard: Loeb, 2000, par. I.1.25; I.27.6 ss.; II.1.29; III,10,1

⁸ SIMPLÍCIO. *Commentaire sur le Manuel d'Épictète, Introduction et édition critique du texte grec*. Leiden: Brill, 1996, par. 196 ss.

⁹ PLATÃO. *First Alcibiades*. Trad. W. R. M. Lamb. Harvard: Loeb Classical Library, 1927, par. I 129 c7.

¹⁰ Cf. AULO GÉLIO. *Attic Nights*. Harvard: Loeb, 2002, 1 2. Heródes Ático viveu entre 101 e 177 e foi um senador romano e um destacado sofista, talvez o maior representante da Segunda Sofística.

¹¹ AULO GÉLIO. *Attic Nights*. Harvard: Loeb, 2002, 1 2; 2.18.10; 15.11.5; 17.19; 19.1.14-21. Aulo Gélíio, autor e gramático latino, viveu entre 125 e 180.

¹² César Marcos Aurélio Antonino Augusto ou simplesmente Marcos Aurélio, viveu entre 26 de abril de 121 e 17 de março de 180. Foi imperador de Roma entre 161 e 180. Após sua morte foram publicadas suas reflexões filosóficas, que lhe valeram o título de filósofo estoico e seguidor de Epicteto. Sua obra póstuma, comumente intitulada **Meditações**, está repleta de referências a Epicteto. Cf. MARCO AURÉLIO ANTONINO. *Marcus Aurelius*. Trad. C. R. Haines. Harvard: Loeb, 1916.

¹³ LUCIANO, **Vida de Demonax**, par. 55. In.: LUCIANO. **Volume III**. Trad. Harmon A. M. Harvard, Loeb, 1921. Luciano de Samosata viveu entre 125 d.C. e 180 d.C. e era um retórico, filósofo cínico e escritor satírico.

¹⁴ Cf. ORÍGENES, **Contra Celso**, par. 3.54; 6.2; 7.53; 7.54. IN: PATROLOGIA GRAECAE 11-17, 3.368. Orígenes Adamâncio viveu entre 184/185 e 253/254 e foi um teólogo cristão.

Damásio:¹⁹ todos esses deixaram por escrito testemunhos de seu conhecimento e interesse pelo pensamento e pela vida de Epicteto.

Entre os monges bizantinos é tangível também o prestígio do *Encheirídion*: três paráfrases cristãs nos chegaram, uma falsamente atribuída a Nilo, outra conhecida como *Paraphrasis Christiana* e outra que se encontra no manuscrito *Vaticanus* gr. 2231.²⁰ Aquela do Pseudo-Nilo (em cujo texto falta o nome do autor) foi atribuída a Nilo porque em alguns códices tal opúsculo aparece entre as obras deste último.²¹ Ignora-se quando tal opúsculo foi composto. O texto mais antigo, presente no códice *Marcianus* gr. 131, foi lavrado no século XI. Trata-se na verdade do *Encheirídion* com uma série de interpolações, sobretudo nos capítulos onde Epicteto afirma teses contrárias à ortodoxia cristã (capítulos 32, 33 e 52). O autor também substitui os *exempla* de Epicteto por nomes cristãos (como “Paulo” no lugar de “Sócrates” no capítulo 51). Também *theói* (deuses) é substituído por *Theós* (Deus) ao longo do texto. A *Paraphrasis Christiana* foi composta algum tempo antes do ano 950. O *Encheirídion Christianum* foi descoberto por Spanneut no códice *Vaticanus* gr. 2231, lavrado entre os anos 1337 e 1338.²²



www.revistafenix.pro.br

¹⁵ AÉLIO ESPARTANO, Vida de Adriano 16.10. In: **Historia Augusta**. Tradução de D. Magie. Harvard: Loeb Classical Library, 1921. V. 1.

¹⁶ Cf. TEMÍSTIO. *Orations 6-8*. Letters to Themistius, To the Senate and People of Athens, To a Priest. The Caesars. Misopogon. Tradução de Wilmer, C. Harvard: Loeb, 1913, par. 5, 63 d. Temístio viveu entre 317 e 387 e foi um filósofo peripatético tardio.

¹⁷ Cf. MACRÓBIO. *Saturnalias vol. i, ii, iii*. Tradução de Kaster, R. A. Harvard: Loeb, 2011, par. 1.11.44 ss. Flávio Ambrósio Teodósio Macróbio foi escritor e filósofo romano. Compôs as **Saturnálias** e o **Comentário ao Sonho de Cipião**. Africano, Teria nascido por volta de 370, na Numídia.

¹⁸ Cf. AGOSTINHO. **The City of God against the pagans**. Harvard: Cambridge University Press, 1998, 9.4; 9.5.

¹⁹ Damásio viveu provavelmente entre 458 e 538. Foi o último dos neoplatônicos e último escolarca da Escola de Atenas. Cf. SUIDAS, *Suda*, epsilon 2424 (Adler). Para a coletânea completa de citações, Cf. SCHWEIGHÄUSER. **Epicteteae Philosophiae Monumenta**. Leipzig: Weidmann, 1798, p. 123-135. V. 2.

²⁰ Os códices e o texto grego destas paráfrases foi analisado e estabelecido por Boter (1999), a quem remetemos o leitor para um exame aprofundado.

²¹ Cf. Códice *Vaticanus Ottobonianus* gr. 25, lavrado entre 1563 e 1564.

²² Cf. SPANNEUT. **Épictète chez les moines**. MSR, 29, 1972, p. 49-57.

DA RENASCENÇA À REFORMA

A história da difusão do texto do **Encheirídion de Epicteto** na Europa começa na Renascença Italiana. Niccóló Perotto foi o primeiro a verter o *Encheirídion* para o latim, publicando sua tradução em 1453.²³ Perotto estava ligado ao cardeal Bessarion, cristão bizantino que, tendo chegado a Roma e se convertido ao catolicismo, trouxe consigo os tesouros culturais de sua terra natal, assim como o anseio de fazê-los conhecidos dos europeus.²⁴ Basílio Bessárion viveu entre 2 de janeiro de 1403 e 18 de novembro de 1472. De origem bizantina, converteu-se em 1439 ao catolicismo e recebeu o título de cardeal do Papa Eugênio VI. Transferindo-se para a Itália, levou consigo uma coleção de livros e manuscritos.²⁵ Sua livraria, que ele doou em 1468 para o senado de Veneza, foi incorporada à Biblioteca Marciana.²⁶ Escreveu livros em defesa de Platão e traduziu obras do grego para o latim, como a **Metafísica**, de Aristóteles, e as **Memoráveis de Sócrates**, de Xenofonte, e incumbiu Perotto da tarefa de verter para o latim o **Encheirídion de Epicteto**, tal como nos é apresentado por Simplício em seu **Comentário**. Há uma excelente edição moderna da tradução de Perotto, realizada por Pendleton.²⁷ Esta edição nos traz o prefácio da tradução de Perotto, no qual o tradutor oferece sua versão latina ao Papa Nicolau VI. No proêmio deste prefácio, vemos o tradutor fazer referência ao proêmio do comentário de Simplício visto acima,²⁸ repetindo o que Simplício dissera sobre a intenção de Arriano ao compor o **Encheirídion** na hoje perdida carta a Messalino e seguindo a parafrasear o texto do neoplatônico. Entre 4b e 5b,²⁹ Perotto refere-se ao argumento do **Primeiro Alcibíades** que sintetizamos acima, concluindo em 5c que “[...] o homem é alma racional que usa o

²³ PEROTTO, Niccóló. **Epicteti enchiridium a Nicolao perotto e graeco in latinum translatum**. Veneza, 1453. Para uma lista completa das edições, traduções e adaptações da obra epictetiana. Cf. OLDFATHER. **Contributions toward a bibliography of Epictetus**. Illinois: University of Illinois Press, 1927.

²⁴ Cf. ZANTA, L. **La Traduction Française Du Manuel d'Épictète D'André de Rivaudeau au siècle XVI**. Paris: Édouard Champion, 1914, p. 13; ss.

²⁵ Cf. GEANAKOPOLOS, Deno John. **Greek Scholars in Venice: Studies in the Dissemination of Greek Learning from Byzantium to the West**. Cambridge: Harvard, 1962.

²⁶ Cf. LABOWSKY, C. **Bessarion's Library and the Biblioteca Marciana**. Rome: Edizioni di storia e letteratura, 1979.

²⁷ PENDLETON OLIVER, R. **Niccolo Perotti's Version of The Enchiridion of Epictetus**. Urbana: Illinois, 1954.

²⁸ *Ibid.*, p. 70 (1c).

²⁹ *Ibid.*, p. 76-77.

corpo como instrumento”³⁰ e desenvolvendo em 6b o argumento nos mesmos moldes de Simplício: “O homem, diz Sócrates, necessariamente é ou alma, ou corpo, ou ambos. Assim, se o homem comanda o corpo e o corpo não comanda a si mesmo, é evidente que o corpo não é o homem [...]”.³¹ A versão latina de Perotto do **Encheirídion de Epicteto** é dividida em cinquenta e dois capítulos, assim como o é atualmente.

Após Perotto, Ângelo Poliziano realizou uma tradução que, publicada em 1479,³² tornar-se-ia extremamente influente ao longo dos séculos seguintes. Poliziano era um protegido dos Médicis, tendo acesso à famosa biblioteca de Lourenço de Médici, a quem dedicou sua tradução. Poliziano tinha em mãos dois manuscritos incorretos e com muitas lacunas: percebendo que havia ainda mais manuscritos assim, corrigiu o texto tomando por base o **Comentário** de Simplício.³³ Essa tradução de Poliziano pode ser encontrada na excelente tradução italiana do **Encheirídion de Epicteto** realizada por Enrico Maltese.³⁴ Na carta-prefácio, Poliziano cita, tendo ele seguido o comentário de Simplício como Perotto, o próêmio do **Comentário ao Encheirídion de Epicteto**, afirmando que Arriano restitui a liberdade “[...] àquele homem platônico, o homem verdadeiro”,³⁵ porque, prossegue Poliziano, Epicteto lera no **Primeiro Alcibíades** “[...] que propriamente e verdadeiramente o homem é aquele cuja essência consiste inteiramente na alma racional”,³⁶ fazendo referência ao argumento já citado acima. A versão latina de Poliziano do **Encheirídion de Epicteto** é dividida em sessenta e oito capítulos.

Assim, quanto à apresentação da obra na Renascença, podemos afirmar que, em suas duas primeiras versões latinas, o **Encheirídion de Epicteto** é apresentado sob o viés neoplatônico de Simplício.

³⁰ PENDLETON OLIVER, R. **Niccolo Perotti's Version of The Enchiridion of Epictetus**. Urbana: Illinois, 1954, p. 78 (5 c): “[...] hominem animam rationalem esse quae corpore tanquam instrumento utatur”.

³¹ Ibid., p. 78-9 (6a – 6b)

³² Cf. POLIZIANO, A. **Epicteti Stoici Enchiridion et Graeco interpretatum ab Angelo Poliziano**. Veneza: J. Anthonium et Fratres de Sabio, 1528.

³³ Cf. POLIZIANO. Carta de Poliziano sobre o *Encheirídion* do estoico Epicteto traduzido por Poliziano do grego a Lourenço de Médici. In: MALTESE, E. **Epicteto**. Manuale. Milão: Garzanti, 1990, p. 61.

³⁴ Ibid., 1990.

³⁵ Ibid., p. 60.

³⁶ Ibid., p. 59.

Em 1535,³⁷ Trincavelli, um médico humanista toscano, publicou uma edição em grego do *Encheirídion* e das *Diatribes*, objetivando difundir a obra de Epicteto. O *Encheirídion* de Trincavelli é mais correto e completo que aquele de Poliziano graças às novas edições do texto em grego: uma de 1529,³⁸ publicada por Haloander em Nuremberg, e outra de 1531,³⁹ publicada por Cratander em Bâle. Essas edições são idênticas, com o texto semelhante ao *Encheirídion* original e dividido em 62 capítulos.

Em 1546,⁴⁰ o gramático Caninius, que lecionou em Pádua e Roma e posteriormente se transferiu para a França, publicou em Veneza o **Comentário ao Encheirídion de Epicteto**, de Simplício. Através de Caninius a obra de Epicteto chegou definitivamente à França. Antes dele, porém, algumas edições do *Encheirídion* haviam sido lançadas em solo francês: as duas de Neobarius, de 1540, uma contendo o texto em grego do *Encheirídion* e outra com o texto em grego e a tradução de Poliziano;⁴¹ e aquela de certo professor de grego chamado Tusanus ou Toussaint, de 1552,⁴² ligado ao círculo de Erasmo de Roterdã, que reeditou a versão do texto em grego apresentada por Neobarius. A tradução de Poliziano chegaria também à Alemanha, publicada pelo humanista e helenista Jacobus Scheggius, em 1554.⁴³

Outra tradução do **Encheirídion** que merece ser citada é aquela publicada em 1590 por Thomas Naogeorgius, pseudônimo de Thomas Kirchmaier, um erudito pastor protestante. Como observa Zanta,⁴⁴ o interesse de Naogeorgius em Epicteto era tomá-lo visando a formulação de um estoicismo cristão. Por essa época se constituía na Europa um renascimento do estoicismo. Tal renascimento, de inspiração fundamentalmente protestante, via no **Encheirídion** a enunciação de princípios morais que iam de encontro à moralidade católica.

³⁷ TRINCAVELLI. *Arriani Epictetus Graeche*. Veneza: 1535.

³⁸ HALOANDER. *Epicteti Encheiridion*. Nuremberg: 1529.

³⁹ CRATANDER. *Epicteti Encheiridion*. Basel: 1531.

⁴⁰ CANINIUS. *Simplicii philosophi gravissimi (Commentarius)*. In: **Enchiridion Epicteti**. Veneza: Hieronymum Scotum, 1546.

⁴¹ NEOBARIUS. *Epicteti Encheiridion*. Paris: 1540.

⁴² TUSANUS. *Epicteti Encheiridion Graeche*. Paris, 1552.

⁴³ SCHEGGIUS, J. *Epicteti stoici philosophi enchiridion cum Angelo Politiani interpretatione latina* – item Arriani commentarius disputationum ejusdem Epicteti. Basiléia: 1554.

⁴⁴ ZANTA, L. *La Traduction Française Du Manuel d'Épictète D'André de Rivaudeau au siècle XVI*. Paris: Édouard Champion, 1914.

AS PRIMEIRAS TRADUÇÕES EM LÍNGUAS VERNÁCULAS

No século XVI começaram a surgir as primeiras traduções vernáculas do *Encheirídion*. Oldfather sugere que a mais antiga dessas traduções é a de Jacob Schenk, que, tomando a edição latina de Poliziano, verteu o *Encheirídion* para o alemão.⁴⁵ Antoine du Moulin foi o primeiro a publicar uma tradução francesa da obra em 1544.⁴⁶ Ao invés de traduzir o texto grego, Moulin se apoiou na versão latina de Poliziano. Talvez seja essa tradução à qual se refere Rabelais, quando, no livro II de **Gargantua e Pantagruel**, afirma que “Vejo Epicteto elegantemente vestido à francesa”.⁴⁷

Após Moulin temos a tradução do cristão neoestoico Rivaudeau, nobre por origem e protestante, que, em 1567,⁴⁸ publicou sua tradução do **Encheirídion**. Rivaudeau realizou todo um exercício de reconstrução do texto original do **Encheirídion** a partir da versão de Poliziano, sendo um dos precursores da popularização da obra epictetiana. Guillaume du Vair foi o próximo a traduzir o **Encheirídion**, publicando seu trabalho em 1591,⁴⁹ uma tradução que se tornou clássica, com uma linguagem afeita ao século XVII francês.

A QUERELA COM OS AGOSTINIANOS E A RESPOSTA DE LEOPARDI

Ao contrário de outros filósofos antigos, como Cícero e Sêneca, a obra de Epicteto não estava acessível na Idade Média europeia. Evidência disto é que os pensadores da Patrística latina que o citam parecem conhecê-lo apenas por segunda mão. Agostinho, por exemplo, que, como vimos acima, refere-se a Epicteto na **Cidade de Deus**, parece tê-lo lido através das **Noites Áticas**⁵⁰ de Aulo Gélio. Na Idade Média europeia lia-se tão somente a espúria obra **Altercatio Hadriani Augusti et Epicteti**

⁴⁵ Essa edição é extremamente rara. Oldfather conseguiu localizar apenas um exemplar no British Museum, exemplar do qual ele oferece um fac-simile ao final de seu *Contributions toward a bibliography of Epictetus*. Cf. OLDFATHER. *Contributions toward a bibliography of Epictetus*. Illinois: University of Illinois Press, 1927, p. 194-196.

⁴⁶ DU MOULIN, A. *Epicteti Encheiridion in Linguam Gallicam Versum*. Lugduni: 1544.

⁴⁷ RABELAIS. *Gargantua and Pantagruel*. Trad. Sir Thomas Urquhart; Peter Anthony Motteux. Ohio: Forgotten Books, 2008, p. 226.

⁴⁸ RIVAUDEAU, A. *La Doctrine D'Epictete Stoicien*. Paris: Poitiers, 1567.

⁴⁹ DU VAIR. *Les oeuvres de messier Guillaume Du Vair [...] reveues par l'auteur avant sa mort et augmentées de plusieurs pièces non encore imprimées*. Paris: S. Cramoisy, 1625.

⁵⁰ AULO GÉLIO. *Attic Nights*. Harvard: Loeb, 2002, I, II, 1 ss.

Philosophi⁵¹ (**Diálogo entre Adriano e Epicteto**), que nenhuma informação oferecia quanto ao verdadeiro pensamento epictetiano. Apenas na Renascença, quando o estudo do grego voltou a ser introduzido na Europa e o humanismo se difundiu, é que, como já dissemos acima, renovou-se o interesse por Epicteto, e a disseminação da Renascença cuidou de propagar consigo esse interesse.

Entretanto, essa difusão da Renascença se uniu, em algumas partes da Europa, à Reforma Protestante. Por causa desse acidente histórico, alguns dos primeiros a traduzir Epicteto, como já observamos acima, eram protestantes. Além disso, Brooke⁵² atesta que não houve edições de Epicteto na Inglaterra durante o reinado católico de Mary e que todos os eruditos ingleses que traduziram Epicteto no século XVI ou eram protestantes ou se tornaram protestantes após a separação da Inglaterra de Roma. E o que os protestantes buscavam em Epicteto? Tais intelectuais visavam fundamentar princípios morais independentemente de doutrinas teológicas, para o que se tornava necessária uma ética da autonomia.⁵³ E estabeleciam uma diferença entre estoicos como Sêneca e Epicteto. Sêneca parecia-lhes rigidamente determinista por sua explícita valorização da física estoica. Tal característica não era evidente em Epicteto, muito pelo contrário: Epicteto se mostrava, naquele encontro entre as ondas propagadas pela Renascença e pela Reforma, um defensor da liberdade, amplificando os anseios dos protestantes por livrarem-se definitivamente do jugo de Roma e suas doutrinas teológicas.

William J. Bouswma, em seu artigo intitulado **The two faces of Humanism: Stoicism and Augustinianism in Renaissance Thought**,⁵⁴ afirma a tese de que houve dois polos distintos no humanismo da Renascença: um agostiniano e outro estoico. A diferença entre essas duas posições morais é que o estoicismo reservara para o homem a possibilidade de, através de sua própria razão, atingir a felicidade, o que era negado pelo

⁵¹ Cf. DALY; SUCHIER. **Altercatio Hadriani Augusti et Epicteti philosophi**. Urbana: University of Illinois Press, 1939.

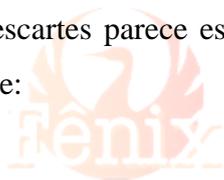
⁵² BROOKE, C. **Epictetus in Early Modern Europe: 1453-1758**. Professor A. A. Long's Epictetus seminar, 14 de Abril de 1999. Berkeley: 1999, p. 7.

⁵³ Sobre o que J. B. Schneewind discute em pormenores em sua obra intitulada **The Invention of Autonomy**. New York: Cambridge University Press, 1998.

⁵⁴ BOUSWMA, J. **The two faces of Humanism: Stoicism and Augustinianism in Renaissance Thought**. In: **A Usable Past Essays in European Cultural History**. California: California University Press, 1990, p. 9-73.

agostinianismo, que concebera o homem, em virtude da tese agostiniana da degradação de sua essência pelo pecado original, dependente da graça divina para se salvar.

Justo Lúpsio, o influente neoestoico que tentou em vão reconciliar a teologia católica ortodoxa com a física estoica, muito pouco recorreu a Epicteto em seus trabalhos, concentrando-se em Sêneca e Cícero. Vair, ao qual nos referimos acima, era católico. Sendo um neoestoico que escreveu outras obras influentes sobre o estoicismo⁵⁵, foi o primeiro católico a traduzir o *Encheirídion* para o francês.⁵⁶ Sua apresentação de Epicteto é, entretanto, fortemente escolástica, o que não deu margem para que Epicteto se mostrasse como uma real alternativa moral a Agostinho. Com René Descartes isso se modifica. Sua “ética provisória” foi muitas vezes lida não só como uma ética neoestoica, mas como nitidamente epictetiana, como conjectura o próprio Leibniz, ao dizer, nos seus **Ensaio Filosófico**, que “Precisamos apenas inspecionar o incomparável **Manual de Epicteto** [...] para admitir que Descartes não avançou muito na prática da moralidade”.⁵⁷ Segundo Marshall,⁵⁸ a associação de Descartes com Epicteto transpareceria em sua terceira máxima do **Discurso do Método**, onde Descartes parece estar referindo-se ao capítulo primeiro do *Encheirídion* ao nos dizer que:



Minha terceira máxima era a de procurar sempre antes vencer a mim próprio do que à fortuna, e de antes modificar os meus desejos do que a ordem do mundo; e, em geral, a de acostumar-me a crer que nada há que esteja inteiramente em nosso poder, exceto os nossos pensamentos.⁵⁹

Vair e Descartes, no entanto, se viam diante dos agostinianos franceses do século XVII que tinham o estoicismo como um ameaça à tese agostiniana da graça. Como observa Brooke:

Os agostinianos sempre se preocuparam com a tentativa epictetiana de distinguir entre o que está e o que não está sob nosso controle por duas consequências disso [...] a sugestão de que nós sempre seríamos

⁵⁵ Como: “La Sainte Philosophie e De La Constance e La Philosophie Morale dès Stoiques”. Cf. DU VAIR. **Les oeuvres de messire Guillaume Du Vair** [...] reveues par l'autheur avant sa mort et augmentées de plusieurs piéces non encore imprimées. Paris: S. Cramoisy, 1625.

⁵⁶ Cf. BROOKE, C. **Epictetus in Early Modern Europe: 1453-1758**. Professor A. A. Long's Epictetus seminar, 14 de Abril de 1999. Berkeley: 1999, p. 9.

⁵⁷ Cf. LEIBNIZ. **Philosophical essays**. Tradução de Airew; Garber. Indianapolis: Hackett, 1989, p. 241.

⁵⁸ MARSHALL, J. **Descartes' Moral Theory**. Cornell: Cornell University Press, 1998, p.1.

⁵⁹ DESCARTES. **Discurso do Método**. Tradução de Jacó Guinsburg; Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 59.

capazes de fazer escolhas acertadas levantava a possibilidade de que erramos voluntariamente, e a sugestão de que podemos agir corretamente com a luz da razão natural [...] parece negar o papel da graça divina.⁶⁰

Esses dois pontos são justamente aqueles defendidos pelo grande adversário de Agostinho em seu tempo, Pelágio, cuja doutrina afirma não haver pecado original que destrua a essência humana, mas que o único mal no homem são as falsas opiniões herdadas de seus antepassados, falsas opiniões que podem ser combatidas por meio da razão natural.⁶¹ Os agostinianos franceses, percebendo o potencial pelagianista da doutrina epictetiana em particular e do neoestoicismo em geral, concentraram seus ataques sobre este último através de autores como Jean-François Senault e Nicolas Malebranche.⁶² Esses católicos agostinianos visavam preferencialmente Sêneca em seus ataques, mas muitas vezes Epicteto tornava-se um alvo, por ser visto como um defensor da liberdade e da autonomia humanas. Um exemplo claro das críticas que eram endereçadas pelos católicos aos estoicos é o célebre texto “Colóquio com o Senhor de Saci Sobre Epicteto e Montaigne”,⁶³ no qual Pascal, começando por elogiar Epicteto,⁶⁴ acaba por criticá-lo seguindo a argumentação dos agostinianos. Citemos parte do texto em questão de modo a esclarecer as razões do ataque dos agostinianos a Epicteto:

Eis aqui, senhor, disse Pascal ao senhor de Saci, as luzes deste grande espírito que conheceu tão bem o dever do homem. Ouso dizer que ele mereceria ser adorado se tivesse conhecido também sua impotência, já que teria sido preciso ser Deus para ensinar uma e outra coisa aos homens. Assim como era terra e cinza, depois de ter compreendido muito bem o que se deve fazer, eis como se perde na presunção do que se pode. Ele disse que Deus deu ao homem os meios de cumprir todas as suas obrigações; que estes meios estão sempre em nosso poder; que é preciso buscar a felicidade nas coisas que estão em nosso poder, já que Deus as deu a nós para este fim; que é preciso ver o que há em nós de livre; que os bens, a vida, a estima não estão em nosso poder e não conduzem a Deus; mas que o espírito não pode ser forçado a crer

⁶⁰ BROOKE, C. **Epictetus in Early Modern Europe**: 1453-1758. Professor A. A. Long's Epictetus seminar, 14 de Abril de 1999. Berkeley: 1999, p. 12.

⁶¹ Cf. AGOSTINHO. **Nicene and post-nicene fathers. Anti-Pelagian Writings**. Philip Schaff (ed.). New York: Christian Literature Publishing Co., 1886. Disponível para download em <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf105.html>.

⁶² Cf. MALEBRANCHE. **La Recherche de La Verité**. Ohio: Ohio University Press, 1980.

⁶³ PASCAL, B. Colóquio com o Senhor de Saci Sobre Epicteto e Montaigne. Tradução de Jaimir Conte. In: **Princípios**, Natal, vol. 12, nos 17-18, jan./dez. 2005, p.185-188.

⁶⁴ “Epicteto [...] é um dos filósofos do mundo que melhor conheceu os deveres do homem. Quer, antes de tudo, que o homem veja Deus como seu principal objeto; que esteja persuadido de que Ele governa tudo com justiça”. Ibid., p. 191.

naquilo que ele sabe ser falso, nem a vontade a amar o que ela sabe que a torna infeliz; que estes dois poderes são, portanto, livres, e que é por meio deles que podemos nos tornar perfeitos; que o homem pode por estes poderes conhecer perfeitamente Deus, amá-lo, obedecer-lhe, agradar-lhe, curar-se de todos os seus vícios, adquirir todas as virtudes, tornar-se, desta maneira, santo e companheiro de Deus. Estes princípios de uma soberba diabólica o conduzem a outros erros, como: que a alma é uma parte da substância divina; que a dor e a morte não são males; que podemos nos matar quando somos perseguidos, pois podemos crer que Deus nos chama, etc.⁶⁵

Assim, Epicteto é visto por Pascal como arrogante e presunçoso por crer que o homem pode por si mesmo realizar-se. Malebranche,⁶⁶ por sua vez, afirma que os textos estoicos são perigosos sem que o cristão esteja antes comprometido com o agostinianismo. Brooke observa que tal ativismo literário do agostinianismo francês ajudou a impor sobre o estoicismo um caráter anticristão: “[...] as polêmicas acerca da obra de Thomas Hobbes e Spinoza na segunda metade do século XVII renovaram a atenção sobre o materialismo, o determinismo e o panteísmo dos estoicos, todos firmemente condenados pelos católicos agostinianos”.⁶⁷

A esta altura do século XVII começavam a multiplicar-se pela Europa os deístas,⁶⁸ que, rechaçando a teologia católica ortodoxa, buscavam inspiração nos escritos estoicos. O deísta inglês Anthony Ashley é um bom exemplo disso, como se pode deduzir de seus escritos póstumos profundamente inspirados por Epicteto e Marco Aurélio.⁶⁹

Em nossa língua, tal querela, relativamente a Epicteto, refletiu-se na primeira edição em língua portuguesa do **Encheirídon de Epicteto**, de 1785,⁷⁰ que temos em

⁶⁵ PASCAL, B. Colóquio com o Senhor de Saci Sobre Epicteto e Montaigne. Tradução de Jaimir Conte. In: **Princípios**, Natal, vol. 12, nos 17-18, jan./dez. 2005, p. 192.

⁶⁶ MALEBRANCHE. **La Recherche de La Verité**. Ohio: Ohio University Press, 1980, p. 182.

⁶⁷ BROOKE, C. **Epictetus in Early Modern Europe: 1453-1758**. Professor A. A. Long's Epictetus seminar, 14 de Abril de 1999. Berkeley: 1999, p. 15; Cf. LONG, A. **Epictetus: A Stoic and Socratic Guide to Life**. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 263; ss.

⁶⁸ Diz-se o deísta aquele que crê que se pode compreender a existência de Deus através da razão e da experiência, independentemente da prática de uma religião e das supostas revelações das religiões teístas.

⁶⁹ Cf. ASHLEY, A. **The Life, unpublished letters and philosophical regimen of Anthony, Earl of Shaftesbury**. Londres: Swan Sonnenschein & Co, 1900.

⁷⁰ ANTONIO DE SOUZA. **Manual de Epicteto Filósofo**. Lisboa: Regia Officina Tipografica, 1785. Disponível para *download* em http://books.google.com.br/books?id=umUBAAAAMAAJ&printsec=frontcover&dq=epictetus&hl=pt-BR&ei=LcLCTZmDPMj50gGDosjtAw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=8&ved=0CEsQ6AEwBw#v=zonepage&q&f=false.

mãos. Este trabalho nos interessa particularmente por ilustrar a passagem de Epicteto do status de filósofo resgatado pela Renascença e pelos católicos a filósofo criticado pelos agostinianos franceses e abraçado pela Reforma. Tal tradução foi realizada por Antonio de Souza, bispo de Vizeu, filho do célebre Martins Afonso de Souza, governador das Índias. Na introdução,⁷¹ somos informados de que a obra foi originalmente publicada de modo anônimo em 1594, com segunda edição em 1595. Passaram-se então cento e noventa anos até que a terceira edição viesse à luz, através de Luiz Antonio de Azevedo, editor que mostra não só erudição ao tratar de Epicteto e do sistema estoico, como também estar bem informado quanto aos mais importantes tradutores de Epicteto do Renascimento até a sua época. O espírito de Azevedo é conforme ao agostinianismo: na página xli de sua Introdução ele se propõe a retificar vários erros que vê em Epicteto, por crer que “[...] o lume natural, por mais claro que seja, sem o dom sobrenatural da fé não pode deixar de cair em erros”.⁷² Entre esses “erros”, Azevedo cita o fato de Epicteto se referir muitas vezes a “deuses”, bem como os conselhos epictetianos relativos ao uso de oráculos. E Azevedo sintetiza a querela que havia em prol e contra Epicteto, tomando o partido de Agostinho: “Devemos [...] aproveitar-nos das sentenças desses filósofos conforme disse Agostinho, tomando-as daqueles como de injustos possuidores”.⁷³ E continua numa nota: “E tão injustos que Tertuliano (no *Adversus Hermogenem*) os chama de Patriarcas dos Hereges [...] porque, como ele diz no livro 4 do *De Prescriptionibus*, não há heresia que não deva sua origem à filosofia”.⁷⁴

Não nos cabe aqui uma análise filosófica aprofundada da querela entre agostinianos e estoicos, mas tão somente mapear o conflito e situar seu ponto nevrálgico, em relação a que não podemos deixar de citar a resposta do poeta italiano Leopardi a Pascal. Leopardi confeccionou uma versão de popularização do *Encheiridion* em 1825, publicada postumamente em 1845.⁷⁵ No **Preâmbulo de**

⁷¹ ANTONIO DE SOUZA. **Manual de Epicteto Filósofo**. Lisboa: Regia Officina Tipografica, 1785, p. III. Disponível para *download* em http://books.google.com.br/books?id=umUBAAAAMAAJ&printsec=frontcover&dq=epictetus&hl=pt-BR&ei=LcLCTZmDPMj50gGDosjtAw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=8&ved=0CEsQ6AEwBw#v=zonepage&q&f=false.

⁷² Ibid., p. XXXI-XXXII.

⁷³ Ibid., p. XLV-XLVI.

⁷⁴ Ibid.

⁷⁵ Cf. LEOPARDI. **Opere di Giacomo Leopardi**. Edizione accresciuta, ordinata e corretta. Antonio Ranieri (Ed.). Firenze: Felice Le Monnier, 1845. Tal versão também pode ser encontrada na edição de

Vulgarização, Leopardi nos diz, criticando a tese defendida por Pascal e pelos agostinianos sobre Epicteto, que a filosofia deste não visa os fortes e arrogantes, mas antes os fracos, visto ser próprio dos fortes lutar contra o destino e com nada contentar-se, enquanto a tranquilidade epictetiana funda-se no contrário disso:

Pois na verdade sou de opinião que a prática filosófica que é ensinada aqui é [...] a mais acomodada ao homem, e especialmente aos espíritos de natureza ou de hábito não heroico, nem muito fortes, mas temperados e fornidos de força mediana [...] e mais aos homens modernos ainda que aos antigos. Sei bem que este meu juízo é contrário à crença universal, considerando-se normalmente que o exercício da filosofia estoica não é possível [...] senão aos espíritos viris [...] O princípio e a razão de tal filosofia, e particularmente aquela de Epicteto, não se prende já, como disse, na consideração da força, mas [...] da fraqueza do homem [...] É próprio dos espíritos grandes e fortes obstinar-se [...] e fazer guerra feroz e mortal ao destino [...] É próprio dos espíritos de natureza débil [...] ceder e conformar-se com a fortuna e o destino.⁷⁶

QUANTO AO ESTABELECIMENTO DO TEXTO DO *ENCHEIRÍDION DE EPICTETO*

O texto grego do *Encheirídion* de Epicteto foi pela primeira vez na Europa em grego por Haloander, em 1529,⁷⁷ seguido por Hieronimus Wolf, em 1560,⁷⁸ edições estas que foram tomadas como parâmetro pelos estudiosos nos dois séculos seguintes. Em 1741,⁷⁹ Upton constituiu novo texto, e Schweighäuser publicou a primeira edição corrigida do texto grego do **Encheirídion** em 1798.⁸⁰ O próximo a trabalhar na constituição do texto do **Encheirídion** foi Schenkl, cuja edição de 1916⁸¹

Maltese do *Encheirídion* já citada acima. Cf. OLDFATHER. Leopardi and Epictetus. In: **Italica**, Vol. 14, No. 2, 1937, p. 44-53.

⁷⁶ LEOPARDI. Preambolo del volgarizzatore. In: MALTESE, E. **Epitteto. Manuale**. Milão: Garzanti, 1990, p. 97-8.

⁷⁷ HALOANDER. **Epicteti Encheiridion**. Nuremberg: 1529.

⁷⁸ WOLF, H. **Epicteti Enchiridion**: una cum Cebetis Thebani Tabula Græc. & Lat. Quibus... accesserunt e graeco translata Simplicii in eundem Epicteti libellum doctissima scholia, Arriani commentarium de Epicteti disputationibus libri iiii, item alia ejusdem argumenti in studiosorum gratiam. Basiléia: 1560.

⁷⁹ UPTON J. **Epicteti quae supersunt dissertationes ab Arriano collectae nec non Enchiridion et fragmenta Graece et Latine...** cum integris Jacobi Schegkii et Hieronymi Wolfii selectisque aliorum doctorum annotationibus. Londres: Thomae Woodward, 1741. 2 V.

⁸⁰ SCHWEIGHÄUSER. **Epictetae Philosophiae Monumenta**. Leipzig: Weidmann, 1798. V. 2.

⁸¹ SCHENKL, H. **Epicteti Dissertationes ab Arriano digestae**. Epictetus. Leipzig: B. G. Teubner, 1916.

foi adotada pelos estudiosos nas décadas seguintes. Schenkl, porém, após o gigantesco trabalho de estabelecer o texto das **Diatribes**, absteve-se de fazer uma edição crítica do **Encheirídion**.

Segundo Boter,⁸² o grande número de manuscritos, as paráfrases cristãs e o **Comentário de Simplício** desencorajaram os estudiosos quanto a constituir tal edição crítica. Essa tarefa foi levada a cabo pelo próprio Gerard Boter em livro publicado em 1999,⁸³ tomando por base (i) Os códices que contêm o texto do **Encheirídion**; (ii) os códices que contêm o **Comentário de Simplício**; (iii) os títulos contidos em alguns códices do **Comentário de Simplício**; (iv) os títulos suplementares contidos em alguns códices do **Comentário de Simplício**; (v) os trechos das *Diatribes* dos quais Arriano fez sínteses que adicionou ao **Encheirídion**; (vi) citações do **Encheirídion** feitas por autores antigos de séculos posteriores; (vii) as três paráfrases cristãs.

Após minuciosa pesquisa,⁸⁴ Boter descobriu haver exatamente 59 códices contendo o **Encheirídion**, sendo que nenhum deles é anterior ao século XIV. Os códices contendo as paráfrases cristãs são bem mais antigos: alguns datam dos séculos X (*Laurentianus* 55,4 e *Parisinus* gr. 1053) e XI (*Nili Encheiridii Codex Marcianus* gr. 131), o que evidencia que, durante o período bizantino, as paráfrases cristãs despertavam mais interesse que o próprio **Encheirídion de Epicteto**. Entre os mais antigos códices contendo o **Encheirídion de Epicteto** estão os seguintes: o *Parisinus* suppl. gr. 1164, o *Vaticanus* gr. 1950 (que contém apenas os três primeiros capítulos) e o *Oxoniensis Canonicianus* gr. 23 (que possui apenas fragmentos). Os códices do *Encheirídion de Epicteto* dividem-se em duas famílias: uma que conta apenas com o *Atheniensis* 373 e outra que engloba todos os demais. A primeira família é complementada pelos títulos supridos pelo códice *Vaticanus* gr. 327, no qual se encontra o *Comentário* de Simplício. Além dessas fontes, temos os livros das *Diatribes de Epicteto*, a partir das quais, como já observamos acima, Arriano confeccionou o **Encheirídion**. Entre os autores posteriores que são fontes para o estabelecimento do texto do *Encheirídion* destaca-se Estobeu, que cita Epicteto abundantemente.

⁸² BOTER, G. **Epictetus Encheiridion**. Berlim: De Gruyter, 2007, p.VI.

⁸³ BOTER, G. **The Encheiridion of Epictetus and its Three Christian Adaptations: Transmission & Critical Editions**. Leiden: Brill, 1999.

⁸⁴ BOTER, 2007, op. cit., p.VII.

EDIÇÕES MODERNAS

Há atualmente diversas excelentes traduções do **Encheirídion de Epicteto** em línguas modernas. Citemos algumas que se destacam: (i) em francês, a de Gourinat⁸⁵ e a de Hadot;⁸⁶ (ii) em inglês, a de Oldfather,⁸⁷ a de White⁸⁸ e a de Boter;⁸⁹ (iii) em italiano, a de Maltese;⁹⁰ (iv) em espanhol, a de García.⁹¹ As de Hadot, Gourinat, Boter e Maltese destacam-se não só pela tradução em si, mas também pelos excelentes comentários e notas. A tradução de Oldfather, publicada pela Loeb, é clássica. A de White é a tradução mais precisa do texto estabelecido por Schenkl em qualquer língua moderna. Em português, além da já citada tradução de Antônio de Souza, temos a tradução bilíngue comentada e anotada de Dinucci e Julien,⁹² que segue o texto estabelecido por Boter.



www.revistafenix.pro.br

ARTIGO RECEBIDO EM 28 DE NOVEMBRO DE 2011. APROVADO EM 13 DE MARÇO DE 2012

-
- ⁸⁵ GOURINAT, J. P. **Premières leçons sur Le Manuel d'Épictète**. Paris: PUF, 1998.
- ⁸⁶ HADOT, P. **Manuel d'Épictète**. Paris: LGF, 2000.
- ⁸⁷ OLDFATHER. **The Discourses of Epictetus as reported by Arrian**; Vol. 2; Fragments; Encheiridion. Tradução de Oldfather. Harvard: Loeb, 2000.
- ⁸⁸ WHITE, N. P. **Epictetus, The Handbook, the Encheiridion**. Cambridge: Hackett, 1983.
- ⁸⁹ BOTER, G. **The Encheiridion of Epictetus and its Three Christian Adaptations: Transmission & Critical Editions**. Leiden: Brill, 1999.
- ⁹⁰ MALTESE, E. **Epitteto. Manuale**. Milião: Garzanti, 1990.
- ⁹¹ GARCÍA, Paloma Ortiz. **Epicteto: Manual, Fragmentos**. Madrid: Editorial Gredos, 1995.
- ⁹² DINUCCI A; JULIEN A. **O Encheirídion de Epicteto**: Edição bilíngue. São Cristóvão, EdiUFS, 2012. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/prometeus/issue/view/112>. Cf. DINUCCI A. **Introdução ao Manual de Epicteto**. 3ª. Edição. São Cristóvão, EdiUFS, 2012. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/prometeus/issue/view/111>. DINUCCI A; JULIEN A. **Epicteto: testemunhos e fragmentos**. São Cristóvão, EdiUFS, 2008. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/prometeus/issue/view/107>.